
A influência de Husserl na abordagem fenomenológica da questão do sentido no jovem Heidegger

Husserl's influence on the phenomenological approach of the question of meaning in the young Heidegger

DOI: 10.12957/ek.2023.79945

Karen Milla de Almeida França¹

Universidade Federal de Minas Gerais

krenmilla@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho pretende oferecer uma contribuição para as investigações sobre a questão do sentido e o seu desdobramento na questão da verdade no pensamento inicial do jovem Heidegger. Para isso, apresentaremos as transformações e deslocamentos de noções herdadas da fenomenologia da intencionalidade de Husserl na formulação heideggeriana da sua noção de uma hermenêutica fenomenológica do *ser-aí* (*Dasein*).

Palavras-chave

Intencionalidade. Ser-aí. Verdade. Heidegger. Husserl.

ABSTRACT

The present work aims to offer a contribution to investigations on the issue of meaning and its unfolding into the question of truth in the early thought of young Heidegger. To do so, we will present the transformations and displacements of notions inherited from Husserl's phenomenology of intentionality in Heidegger's formulation of his notion of phenomenological hermeneutics of *being-there* (*Dasein*).

Keywords

Intentionality. *Being-There*. Truth. Heidegger. Husserl.

¹ Doutora em filosofia contemporânea pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em filosofia (Estética e Filosofia da Arte) pela Universidade Federal de Ouro Preto e graduada em Filosofia pela Universidade Federal de São João Del-Rei (2008), nas modalidades Licenciatura e Bacharelado.

Em seus escritos iniciais, Heidegger tematizou a fenomenologia enquanto o horizonte pelo qual as coisas se manifestam a partir de si mesmas. O *objeto originário* (*Urbjekt*) da fenomenologia não é outro que o *Ser* (*Sein*) que em si mesmo se mostra. O *Ser* pensado como *objeto* da fenomenologia deve ser compreendido enquanto aquilo que nos vem ao encontro no *mundo* (*Welt*). Para Heidegger, isso que se manifesta neste encontro é a própria *intuição* (*Anschauung*) intuindo, propriamente, o *Ser*. Diz Heidegger,

[...] o que está para ser desvelado deve tornar-se manifesto apenas em vista de *seu próprio si* (*seiner selbst*), em seu puro caráter essencial e seu modo específico de ser. O que está para ser desvelado é a única instância de sua determinabilidade, dos conceitos que são adequados para interpretá-lo (Heidegger, 2005, p. 455).

Por esse lado, o método fenomenológico deve traçar a sua característica básica no modo como a partir de si mesmo algo se manifesta. Trata-se de um método que visa esclarecer a manifestação daquilo que, na verdade, não se mostra, ou melhor, que se mostra dissimuladamente. Os cursos de 1919, especialmente, *A ideia da filosofia e o problema da concepção de mundo* e *Fenomenologia e filosofia transcendental do valor* representam o esforço de sistematizar e edificar tal método. Trata-se a princípio de um “aprofundamento da consciência metodológica na filosofia e da busca da matéria e do modo de pensar que nos possibilite pensar acerca do *Ser* da *verdade*” (Kovacs, *apud.* Kisiel; Van Buren, 1994, p. 105)². Desta maneira, o nosso intuito neste texto é de pensar acerca da influência da fenomenologia husserliana no modo como Heidegger pensa a manifestação de sentido, apontando em que medida a questão do *Ser* se desdobra na questão da verdade.

Especialmente, em *A ideia da filosofia e o problema da concepção de mundo*, Heidegger interpretou a questão do sentido enquanto uma experiência viva que se desvela a partir de um comportamento, este último tem a função de trazer à manifestação uma compreensão. Para o filósofo, a postura do *vivenciar* entendida como *Urhaltung* é essencial para pensarmos a relação entre sentido, compreensão e verdade. O método

² “A necessidade primordial, o caminho, a tarefa e a essência do pensar – a natureza da ciência estão no cerne da filosofia heideggeriana. A busca de um método, então, é um caminho de pensamento que nunca para; está sempre aberta em direção a novas possibilidades” (Kovacs, *apud.* Kisiel; Van Buren, 1994, p. 105).

heideggeriano visa reconduzir o termo *Erlebnis*, tematizado na filosofia husserliana a partir da noção da *consciência*, para um âmbito anterior onde não há uma apreensão teórica da *vida*, este horizonte seria tecido nos modos de ser da facticidade. Dotados dessa postura somos golpeados de maneira imediata e não teórica e isso nos permite lidar com o *mundo* ao vivenciá-lo. Esse mundo, tematizado por Heidegger, é aberto originariamente na lida do *ser-aí*³. Nessa relação as coisas são indicadas no seu próprio mostrar-se.

A princípio aquilo que aparece no aqui e no agora é tematizado em concordância e ligado a conjuntura que tece o seu significado. Neste modo de lida identificamos isso que aparece sem questionar, ou seja, “não é perguntado se algo se movimenta, se algo descansa, se algo age, se algo se realiza, se algo vale, se algo deve, mas se *algo existe* ou há (*ob es etwas gibt*)” (Heidegger, 1987, p. 75). Sob essa perspectiva é preciso examinar a diversidade dos modos do *dar-se* (*es gibt*) ‘na’ e ‘da’ vivência de algo – dentro e a partir de. O *es gibt* não dependerá da referência a um ‘eu’, mas diz, sobre o modo de apropriação da *vivência* em que o ‘eu’ e o *mundo* conjuntamente se compreendem. Dito de outro modo, a estrutura do *es gibt* evidencia o primeiro modo fundamental do *ser-aí humano* ser, qual seja: desde a sua *indissociabilidade com o mundo* (*Untrennbarkeit mit der Welt*), e isto nos leva à seguinte formulação: o horizonte de sentido na sua totalidade no qual o *ser-aí humano* encontra-se lançado é, indiscutivelmente, sua constituição. O significado dos entes não se constitui a partir dos elementos imediatos à consciência, anterior a isso as coisas aparecem de maneira adequada para o horizonte que é dado. Ora, o que é vivo e mais fundamental nesse horizonte de doação tem o caráter mundano, e desde a mundanidade o que se faz necessário é o deixar-se acessar, ou seja, deixar ser tomado pelo sentido que não pode ser instituído teoricamente, mas experimentado enquanto vida.

Heidegger nos convida ao *simples ver* (*sehen*) que colhe aquilo que se encontra dado de maneira direta e imediata. O *ver* ao qual somos lançados diz respeito à tomada de atitude, a um comportar-se que pretende assumir de maneira imediata o que *se dá* e no modo como *se dá*. Isso nos é possível, porque é o *mundo circundante* que tece esse nosso modo de *ver*, tornando-o capaz de abrir todo e qualquer contexto significacional. Nesta

³ De acordo com Jeffrey Barash, já nos textos de juventude, o *ser-aí* não é tematizado como um ‘eu’ que se põe em contraste com o objeto a ser conhecido enquanto *fenômeno*, mas como um “*ser-no-mundo*, imerso e constitutivo da totalidade de sentido no qual se move” (Barash, 1994. p. 111).

esfera, isso que se mostra como algo dado não se reduz a um objeto meramente objetificado e ‘fora’ de um ‘contexto’. À vista disso, para Heidegger, “a objetivação e a teorização reduzem e impedem o caminho para o mundar originário do mundo” (Heidegger, 2005, p.73). Assim,

[...] esse *processo de progressiva e destrutiva infecção teórica do mundo circundante* (*Prozess der fortschreitenden zerstörenden theoretischen Infizierung des Umweltlichen*) pode ser seguido em modo exato, do ponto de vista fenomenal, por exemplo, na série: cátedra, caixa, cor marrom, madeira, coisa. A coisa é de novo simplesmente presente como tal, isto é, é real, existe. Realidade não é então uma caracterização do mundo circundante, mas antes uma caracterização que se encontra *na essência da coisalidade* (*in Wesen der Dinghaftigkeit*), uma caracterização especificamente teórica (Heidegger, 2005, p. 89).

Se voltarmos para a história da filosofia a atitude teórica é tomada como base originária de fundamentação do conhecimento, e desde a qual a filosofia pôde se erguer. Para Heidegger, essa tendência *desvitaliza* (*entlebt*) e nos impede de *lançar o olhar* (*hinsehen*) para o que, realmente, é essencial no *mundo ‘mundante’*, ou seja, na totalidade da trama significacional – *mundo circundante*.

Nas lições de 1919, a *intuição hermenêutica* é aquela que nos possibilita apropriar de maneira originária dessa trama significacional compreendida enquanto vivência. Especialmente, em Heidegger a noção de *intuição categorial* forneceria o acesso à experiência originária, uma vez que o *Ser* da cópula surge como o movimento que precede e possibilita a manifestação do objeto. Como é sabido, a intuição é caracterizada pela doação evidente do objeto, a partir da relação entre intenção e preenchimento correlativo (Husserl, 2014, p. 47). Essa correlação, como Husserl propôs, entre o que é meramente pensado e aquilo que lhe preenche intuitivamente pode apresentar ou não adequação em função dessa doação. Na *VI Investigação*, Husserl nos apresenta a formulação de que é possível que essa intuição tenha uma *plenitude intuitiva*, se o objeto na sua doação intuitiva se apresenta ‘em pessoa’. Esta adequação totalmente preenchida entre intenção e o objeto intuído é chamada, pelo filósofo, de verdade. Vejamos:

[...] quando uma intenção representativa tiver encontrado seu último preenchimento através dessa percepção idealmente perfeita, aí se terá produzido a autêntica *adequatio rei et intellectus*: a objetividade é exatamente conforme ao que a intenção visava, como algo realmente

“presente” ou “dado”, e nenhuma intenção parcial continua implícita, carente de preenchimento (Husserl, 1980, p. 647).

Com isso, a noção de verdade enquanto *evidência* (*Evidenz*) se estende ao âmbito dos atos objetivos e pode expressar tanto o ideal de adequação absoluta, quanto a ideia de identidade do objeto, tal como a noção de *plenitude intuitiva* designa⁴. Ao investigar a estrutura intencional do conhecimento, Husserl compreende que um ato de simples menção pode se preencher intuitivamente de diversos modos, embora o fator importante para o preenchimento completo esteja na presença intencional do objeto intuído, ou nas palavras de Husserl, encontra-se na *doação* (*Selbstgebung*) do objeto tal como ele existe (Husserl, 2012a, p. 647). A princípio, os enunciados preposicionais fazem referência a alguma coisa, isto que é referido é o objeto. Para Heidegger, a *abertura* possibilita a relação objetiva em que ‘eu’ e o objeto se fundam. Sobre o modo como Husserl concebeu esse estado de coisas, Heidegger retoma o problema em *Lógica a pergunta pela verdade* – obra do ano de 1925-1926 – e nos diz:

Husserl descreve agora também esta relação entre visado e intuído como estado de coisas e rebate-a então segundo a sua estrutura, na mesma orientação como o estado de coisas S é P, o quadro é negro, a relação entre negro e quadro, com a diferença, que neste estado de coisas os membros da relação são a coisa e a determinação da coisa, em oposição ao visado enquanto tal e ao intuído enquanto tal (Heidegger, 2004, p. 92).

De acordo com o jovem filósofo, a dificuldade em tratar desse tema, bem como de compreender a constituição da objetividade do objeto sensível é dissolvida, na medida em que Husserl considera como predicado a estrutura do *enquanto que*⁵ que exerce uma dupla função, a saber: enquanto determinante e enquanto intuída. É desde esta estrutura que a matéria intencional na intuição torna-se representante signitivo e intuitivo. Desta forma, como mencionado, não é possível afirmar uma oposição entre intuído e visado, pensados enquanto predicação a um sujeito. Aos olhos de Heidegger, era preciso reconduzir a noção de *Ser* como ser-objeto à esfera vivida da experiência, a partir do

⁴ Parece-nos que a teoria da verdade husserliana se desdobra a partir do intuito de descaracterizar algumas das teorias da consciência que a conceberam a partir da divisão, ou faculdades – do entendimento, da razão e da sensibilidade. O modo como Husserl estabeleceu os diversos níveis de atos intencionais e correlatos, quais sejam: imaginação, intuição sensível, intuição categorial, etc., relacionando-os com a unidade objetiva, mostra como Husserl foi além do dualismo advindo da sensibilidade vs. entendimento. *Ver*: Fragata, 1962, p. 34.

⁵ Essa estrutura tem o sentido de pré-objetivo, correspondendo ao termo *was*.

modo em que o *ser-aí humano se-dá (es gibt)*, ou seja, a *questão do Ser* é pensada a partir da relação entre *ser-aí humano* e *mundo*. Essa formulação heideggeriana, segundo a qual a presença do *Ser* não pode ser reduzida à objetividade, compreende-se na medida em que se torna necessária a presença prévia desse *Ser* no horizonte objectual. Heidegger escreve:

[...] nossos comportamentos – são completamente permeados por enunciados (*Aussagen*), que são determinados pela expressividade (*Ausdrücklichkeit*). Mesmo a percepção simples e os estados constitutivos (*Verfassungen*) são interpretados (*interpretiert*) e abarcados pela expressividade (Heidegger, 2004, p. 75).

Com isso, a nossa *apreensão e compreensão (Auffassung und Erfassen)* do mundo acontece por meio da expressividade. Para o filósofo, essa experiência intencional das coisas só é alcançável por meio de uma síntese judicativa-predicativa. Deste modo, o conhecimento é pensado como o preenchimento de uma intenção que visa o objeto no seu horizonte de mostração, orienta-se desde essa adequação entre o visar e o visado. Esse intuir se mostra como uma intuição compreensiva, clarificando os conceitos prévios a partir da universalidade fenomenológica que lhes é própria. De acordo com Gadamer, esse conceito heideggeriano é instituído como crítica às fenomenologias de Hartmann e Natorp, uma vez que ambos caracterizam a significação linguística como objetiva e generalizante (Gadamer, 2007, p. 92). Em contrapartida, para Heidegger, a *significação (Bedeutung)* evidencia o sentido relacional que os entes ocupam em um horizonte prévio da cotidianidade.

A *vida fática (faktisches leben)* torna-se o âmbito originário para garantir o acesso ao que é instituído previamente e possibilita qualquer teorização. Para isso, a *facticidade* é tomada como ponto de partida, ou seja, deve ser interpretada desde o horizonte temporal do que se manifesta *previamente (zuvor)*, em *primeiro lugar (zuerst)* ou de *antemão (vorweg)*. A título de exemplo, na facticidade a vivência da cadeira não parte da sua caracterização como algo: maciça, velha etc. A experiência fática nos lança na *vivência*, fazendo com que o *conteúdo* se torne irrelevante, dando destaque ao modo de *vis-à-vis* e de referir-se. A *indicação formal* trabalha para destacar tanto o modo de referir-se quanto o modo de *execução da referência*, à medida que mantém o *conteúdo* velado. A *indicação formal* tem como preceito possibilitar a experiência do *conteúdo* e, concomitantemente, deixar subentendido o sentido de *referência e execução*. Nas palavras de Heidegger,

[...] toda experiência – compreendida como o experienciar e o experienciado – pode ‘ser tomada no fenômeno’, isto é, pode-se perguntar: 1º pelo ‘que’ originário, que é experienciado nele (conteúdo), 2º pelo ‘como’ originário, no qual ele é experienciado (*referência*), 3º pelo ‘como’ originário, no qual o sentido de referência é executado (*execução*). [...] Mas essas três direções de sentido (sentido de conteúdo, de referência e de execução) não se encontram simplesmente uma ao lado da outra. ‘Fenômeno’ é totalidade de sentido segundo essas três direções (Heidegger, 2005, p. 63).

Notadamente, para compreender o que é o *fenômeno* deve-se dirigir à experiência, isto é, voltar-se para o modo como *executamos* o sentido de uma *referência* de um *conteúdo*. Para tanto, é necessário ‘voltar-se para aquilo que se mostra por si mesmo e em si mesmo’, isto é, deve-se acessar e tomar a coisa interpretada – no sentido de agarrar o significado que se desvela, a saber: de interpretar o pré-teórico do viver, isto é, o modo em que a experiência da vida mostra a si mesmo enquanto tal.

Essa lida com o *mundo* se dá a partir de uma *compreensão prévia*. Esta amplia o horizonte de significado, na medida em que o acesso a tal esfera não pode ocorrer por vias objetivas e isentas de uma intuição compreensiva. Nesse sentido, a compreensão prévia circunda a existencialidade, encontra-se em direção às diferentes perspectivas conceituais, apontando, sobretudo, para uma experiência fundamental no âmbito originário. O projeto inicial da filosofia de Heidegger sugere que esse processo de significação somente pode ocorrer por meio de uma hermenêutica fenomenológica, consolidada desde o seu caráter prévio. Desde a intuição compreensiva nos voltamos para aquilo que aparece de novo sempre e a cada vez de maneira diversa na forma de significado.

Isso nos permite dizer que o nosso modo de ser antecede a qualquer processo de compreensão ou teorização epistemológica, isso porque a percepção imediata do *mundo* não acontece de modo gradual, ou seja, em pequenas ‘doses’ de sentido. Ora, se assim fosse, seria preciso que a cada momento, sempre e de novo, construíssemos uma compreensão separada daquilo que se visa e se descreve. A experiência da vida é possível numa conformidade com a trama significacional que se apresenta, a partir da nossa percepção totalizante das coisas e fundante de *mundo* – e não apenas como uma soma de coisas que se apresentam. Ora, o fundar perceptivo que institui o *mundo* é o instante desde o qual o *mundo* passa a ser pensado enquanto o momento constitutivo de *Ser*. Por isso, de acordo com Heidegger, a compreensão do que seja o *mundo* não pode partir de algo que

se confunda com as coisas que nele se encontram presentes, tampouco, como um espaço físico, geográfico que abriga os objetos, bem como o *ser-aí humano*. Aqui, o *mundo* que é *instalado* (*Aufstellen*) pela relação entre a *intuição* – não só a percepção direta, mas a correlação da consciência com o mundo vivido – e a *compreensão remissiva*, tem como tarefa tornar evidente o *Ser* da *experiência fática*. O *mundo* ao qual Heidegger busca acessar se encontra em uma totalidade de sentido, num horizonte de significado. Não encontramos objetos isolados a partir dos quais paulatinamente construímos uma relação familiar. Desde essa perspectiva, o *mundo* não pode ser entendido como um recipiente no qual está contida a totalidade das coisas percebidas. Aqui, se trata de um *mundo* que é revestido por um horizonte de significado, desde o qual não nos encontramos primeiramente com objetos, mas no qual lidamos no modo de uma relação. De acordo com Escudero

[...] um mundo ao qual acessamos de forma direta através de algum grau de familiaridade com ele, que nos é sempre compreensível de uma forma ou de outra. Um mundo, portanto, que se abre a nós de maneira hermenêutica e não reflexiva (Escudero, 2010, p. 436).

Aqui, nesse instante imediato e sem mediações – no sentido de uma teorização que antecipa o sentido – vivenciamos o instante originário do fluxo das vivências⁶. Cotidianamente, não paramos para nos perguntar sobre o *sentido* das coisas, isso porque o modo como advém o sentido é aberto na forma de uma compreensão que se adequa à experiência vivida. Assim, não é possível pensar na possibilidade de uma compreensão vazia, ou seja, pensar que a experiência vívida de conhecimento não funda a compreensibilidade e o reconhecimento. Isso porque, tal experiência é sempre uma *experiência de...* Nas palavras de Heidegger, “também não há coisas isoladas de seu significado na experiência imediata. As coisas trazem seu sentido intrínseco e assim são vivenciados. O circundante tem em si mesmo sua genuína forma de auto apresentar” (Heidegger, 2005, p. 110). Esse contexto foi vivido na experiência de um ‘como’, ou seja, na experiência advinda de um modo de ‘lidar com’ o *mundo*.

⁶ Sobre esse caráter imediato da vida Heidegger nos diz: “imaginemos, pois, que de repente tiramos um negro senegalês de sua cabana e que o coloquemos nesta aula. Fica difícil precisar com exatidão o que ver ao fixar os olhos neste objeto. Possivelmente verá algo relacionado à magia ou algo que serve para proteger-se das flechas e das pedras. Porém o mais provável é que não saberá o que fazer com isto” (Heidegger, 2005, p. 87).

No horizonte originário no qual o *ser-aí humano* encontra-se lançado, a experiência viva e mundana somente pode ser experienciada na medida em que nos posicionamos de modo pré-reflexivo, essa esfera totalizante e prévia de significação antecede as descrições teóricas e epistemológicas acerca da *vivência*. A partir dessa visada, não se trata de determinar conceitualmente a partir de esquemas e categorias universais dos fenômenos, neste sentido, não se trata de converter os pré-conceitos ou *indícios* que brotam da experiência da vida em conceitos gerais. De modo geral, o conceito de *fenômeno* presente nessas lições de 1919 cumpre a função de uma *indicação formal* que se mantém enquanto uma determinação formal e não regional do objeto que se faz tema da fenomenologia. Desta maneira, o fenômeno é dado por meio da operação formal-indicativa, evidenciando uma maneira desde a qual pode-se dirigir-se a algo. A fenomenologia passa a ser a descrição desse momento em sua totalidade de sentidos.

Portanto, a proposta da filosofia de Heidegger é descrever os múltiplos significados de *Ser*, os quais exigem um acesso livre e direto. A *indicação formal*, no escopo do projeto de Heidegger, possibilitaria o ‘passe livre e direto’ ao horizonte fenomenal, tecendo as condições de possibilidades do contexto fenomenológico, à medida que explicita as categorias formais. Para isso, é necessário ‘jogar por terra’ o sentido ‘subjativizado’. Esse momento negativo de destruição daquilo que é periférico e não é essencial, aclara e reestrutura a interpretação desde os horizontes de sentidos previamente determinados. Isso porque, a negação tem como função trazer à manifestação o discurso fenomenológico, uma vez que a negação articula nos conceitos aquilo que é prévio na visada fenomenológica. Esta tarefa de destruição, que se caracteriza como um momento negativo da *indicação formal*, tem como função ‘re’orientar a interpretação desde o horizonte de pressupostos previamente dado. Dito de outro modo, a ‘re’orientação funda-se em compreensões já dadas previamente e desde as quais a conceitualidade se determina. Aqui, a negação não significa

[...] a simples exclusão, mas também possui uma característica mostrativa. Operando como *heteron*, a adjudicação negativa é também um fazer ver, um abrir que mostra. A negação mostrativa efetuada em um enunciado mostra aquilo que é negado em um horizonte previamente dado de uma conexão. No que é negado pode-se ver a pertinência a outro elemento, uma diferença por relação a algo que se mostra como outro, como uma alteridade, e não como uma simples exclusão. A negação adquire, assim, uma função de purificação, adquirindo um ‘caráter produtivo’ (Reis, 2011, p. 122-123).

Desse modo, o duplo movimento de desvelamento e o de velamento de sentido é dado a partir do olhar prévio instituído a partir da própria manifestação enquanto tal. Sob a perspectiva de Heidegger, a negação articula nos conceitos aquilo que se dá previamente, e isso permite que seja excluída qualquer interpretação que afete o sentido originário nos conceitos. Nesse sentido, a *indicação formal* desde o seu elemento negativo já diz sobre a dinâmica da verdade, uma vez que a negação faz ver a estruturação de sentido – conteúdo, sentido de referência e sentido de realização –, indicando uma determinação essencial para aquilo que se deixa manifestar.

Por esse lado, a querela entre o desvelar e o velar determina tanto o modo de doação de *ser* – o que algo é –, quanto o modo de ser – como esse algo é. Segundo Heidegger, a *indicação formal* aponta para os possíveis horizontes fenomenais, deixando, sobretudo, a abertura para a manifestação do fático da experiência da vida. Isso é possível porque o seu caráter de negação direciona o sentido de realização, isto é, reúne dinamicamente o sentido de conteúdo – *o quê* – e o sentido da referência – *o como*. Aqui, generalização e formalização são elementos da dinâmica de universalização, sendo que a primeira – generalização – é uma universalização que continua em referência à *coisa* (*sachhaltig*), como por exemplo a madeira é maciça (Heidegger, 1994, p. 233). Por esse lado, trata-se de uma qualidade sensível da madeira. Na generalização o *ser-aí humano* tem uma experiência particular do que seja a firmeza da madeira, trata-se de uma característica concreta, e de uma qualidade sensível da madeira. A generalização diz tanto sobre a qualidade como tal quanto sobre a coisa como tal, isso porque ela é uma possibilidade de classificação da coisa em questão, seja a partir do ordenar, seja a partir do classificar. Contudo, a generalização mantém-se imanente ao *caráter coisal* (*Dinghafte*) da coisa. Por outro lado, a formalização distancia-se da *coisalidade*, isso porque deve ser apreendido o modo pelo qual a coisa se doa. O ser do objeto enquanto tal é um conceito absolutamente formal, apartado da relação com a coisa. Na *indicação formal*, a formalização e a generalização referem-se ao apreender do *fenômeno*. O formal ganha o sentido de um alerta cuidadoso que busca mostrar o sentido de referência, isto é, o ‘como’ desse sentido e o ‘como’ da realização que se institui na experiência. O que está em questão é o ‘como’ da determinação e transformação da vida fática.

Assim, desde o contexto da *vivência* o primado não se encontra nas *coisas simplesmente dadas* (na *Vorhandenheit*), mas sobretudo, na trama do significativo

(*Bedeutsame*) e da significatividade (*Bedeutsamkeit*), esta é ‘pano de fundo’ de tudo que aparece de maneira imediata no horizonte de doação, sem desvio ou mediações teoréticas. Trata-se, a princípio, de um modo de radicalização da formalização desenvolvido pela própria hermenêutica fenomenológica (Levinas, 1965, p. 37). À luz da noção husserliana de *intuição*, Heidegger acreditava encontrar a base de acesso para a âmbito originário que funda toda e qualquer significatividade. Por isso, o problema que se coloca é sobre o *sentido do Ser – o que Ser significa? (Seinsfrage)*.

Para Heidegger, são os diferentes modos de interpretar a estrutura *do como* (*Als Struktur*) que funda a possibilidade de instituição de uma *fenomenologia hermenêutica*. Heidegger reaproxima o entendimento do termo *was* ao entendimento que os gregos tinham de *τί ἐστίν*⁷. De modo geral, ambos os termos – *was* e *τί ἐστίν* – são usados para descrever *o que* de algum objeto, trata-se do *conteúdo objetivo* de um *fenômeno*. Essa perspectiva vem confrontar, sobretudo, a proposta husserliana baseada na *Als Struktur apofântica*. Heidegger nos diz que “não se trata tanto de descobrir os conteúdos eidéticos universalmente válidos” (Heidegger, 2005, p. 147)⁸, uma vez que tais conteúdos privariam a *vida* na sua apreensão originária. Nas palavras de Heidegger, o *conteúdo intencional* visa o *objeto enquanto tal* (*als was*), para o filósofo, é a estrutura do ‘*enquanto que*’ que constitui a significação, e, posteriormente, a determinação objetivante. A significação tem sua base aqui, isto é, nessa estrutura.

Finalmente, pode-se dizer que as diferenças entre a concepção heideggeriana e a husserliana acerca da estrutura ‘*enquanto que*’ marcam, decisivamente, as duas filosofias: a primeira como uma filosofia fenomenológico-hermenêutica tematizando os aspectos da *vida fática*, já a segunda como fenomenológico-reflexiva, com o primado posteriormente explicitado da subjetividade transcendental. De acordo com Heidegger, pela subjetividade transcendental há uma coisificação dos objetos com a preponderância da consciência, que os aparta de um mundo mundificado, por isso, seria pela filosofia fenomenológico-hermenêutica que se poderia permanecer na vivência imediata do mundo. Desde essa *vivência* as coisas que nos vêm ao encontro são pensadas a partir do horizonte de significância no qual se encontram.

⁷ E na escolástica esse termo será pensado como *quidditas*.

⁸ Em Husserl, a estrutura *enquanto que* torna-se fundamento, na medida em que orienta a própria plenitude intuitiva e funda o conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARASH, J. Heidegger's Ontological Destruction of Western Intellectual Traditions. *In.: Reading Heidegger from the Start: Essays in His Earliest Thought*. Albany: State University of New York Press, 1994.
- ESCUADERO, A. El joven Heidegger y los presupuestos metodológicos de la fenomenologia hermenêutica. *In.: Thémata. Revista de Filosofia*. Universidad Autónoma de Barcelona, 2011.
- ESCUADERO, A. *Heidegger y la genealogía de la pregunta por el ser*. Barcelona: Herder Editorial, 2010.
- FRAGATA, J. *Problemas da fenomenologia de Husserl*. Braga: Livraria Cruz, 1962.
- GADAMER, G. Hermenêutica em retrospectiva: *hermenêutica e a filosofia prática*. vol. III. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- HEIDEGGER, M. *Einführung in die phänomenologische forschung*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1994.
- HEIDEGGER, M. *La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo*. Trad.: Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder, 2005.
- HEIDEGGER, M. *Lógica: la pregunta por la verdade*. Trad.: Alberto Ciria J. Madrid: Alianza Editorial, 2004.
- HEIDEGGER, M. *Phänomenologie und transzendente Wertphilosophie*. *In.: Zur Bestimmung der Philosophie*. (ed.) B. Heimbüchel. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1987.
- HUSSERL, E. Investigações Lógicas. Volume 1: *Prolegômenos à lógica pura*. Trad.: Diogo Ferrer. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- HUSSERL, E. Investigações Lógicas. Volume 2: *Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento*. Trad. Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense, 2012a.
- HUSSERL, E. Investigações Lógicas. V Investigação: *Sobre as vivências intencionais e seus conteúdos*. Trad.: Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense, 2012b.
- HUSSERL, E. Investigações Lógicas. VI Investigação: *elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. Trad.: Zeliko Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- LEVINAS, E. *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*. Trad. Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1965.
- REIS, R. R. Aspectos do pensamento indicativo-formal: negação e justificação. *In.: Natureza Humana*. vol. 13. São Paulo, 2011.
- VAN BUREN, J. Martin Heidegger, Martin Luther. *In.: KISIEL, T., VAN-BUREN, J (org.). Albany Reading Heidegger from the Start: essays in his earliest thought.*, USA: State University of New York Press, 1994.

Recebido em: 01/11/2023 | Aprovado em: 25/05/2024